

RUI DE NORONHA OZORIO

# MAR SUBVERSO

FRESCA

RUI DE NORONHA OZORIO

# MAR SUBVERSO

FRESCA

Dedico este Mar à minha querida avó, aos meus pais, ao Diogo, ao Bruno  
e à loucura da imaginação que se cruza,  
sem pedir, com as nossas noites

*Ama como a estrada começa*  
Mário Cesariny

1.

Hoje

atesta-me um ar vazio no corpo

que me deixa dobrado

ao frio

sem roupa que me consiga aquecer

Respiro devagar

e conformo

os meus nomes ao destino

Vou sereno

e com os olhos vermelhos e arranhados

2.

atiram-se foguetes ao ar e o mar de  
rosas  
explode na boca das águas  
nasce um vulto entre nós  
um espectro cheio de sede  
e a cidade bebe descaradamente à flor  
da pele  
todas as baladas outrora cantadas  
à chuva

corpos transeuntes insistem em fazer  
cair objectos  
estranhos dentro  
dos copos  
não é vinho não  
nem o sangue de cristo  
nem a placenta intacta da virgem  
tornada nuvem

é um limbo de vento a soprar  
estilhaçado  
quando as garras dos tigres procuram  
o centro do peito  
escondido claro atrás das pernas dos  
outros

sentam-se na margem de um parque  
destinado a bicicletas  
(transporte de almas nocturnas)

dois  
poetas  
a chorar

choram de rir essa tristeza  
que os mascara  
depois deitam-se na cama de um quarto  
arrendado  
ao diabo e pagam com sémen  
alguns favores que escreveram na  
memória

dormem e constroem poemas de betão  
armado  
outros de cobre e absinto

mais tarde quando coagula o azul  
tremendo  
ficam a olhar as estrelas e penduram  
algumas  
no estendal da primavera  
adormecem com os pássaros  
nas mãos  
mordendo os lábios do poema ao lado

3.

de súbito o leão entrou  
pela janela da sala com três asas  
de fogo  
e um susto fez-se ouvir do outro lado  
da cidade

os vidros que se rasgaram a meio  
caíram  
aquosos no chão provocando  
uma inundação tremenda no último  
andar  
e é aqui que entram as vizinhas

as vizinhas do último andar

vivem em quartos separados mas  
partilham  
algum sol dentro da mesma cama  
de longe a longe como manda a  
concordata

descem as escadas molhadas até ao  
pescoço  
e desatam a gritar versos de amor  
autêntico  
daqueles versos capazes  
de fazer chorar os automóveis

e o leão comovido decide comer

uma delas  
deixando a outra perdida no rés do chão  
à procura de uma porta  
para ir à florista comprar anões  
uma coroa  
de anões azulada  
sorridente estática mas com vida  
lá dentro

a sorte foi não ter encontrado a porta  
e apenas lhe terem chegado às mãos os  
seios  
de uma estátua belle époque  
que a transformou de imediato numa cadeira  
de receber visitas  
com renovação do contrato em gaveta  
de roupa interior

- era de fraca imaginação a estátua  
e tinha um colar de relâmpagos  
incendiados  
sobre os ombros

quem não gostava de néon  
era o leão e descaradamente  
abandonou  
o local e partiu  
para a selva  
com sonetos no estômago



4.

As estações têm caminhos  
de ferro  
Rompem montanhas com os braços  
esticados à linha  
conquistam os cheiros  
das cidades perfumadas de adeus

e correm lágrimas nas caras  
dos pássaros mais bonitos  
que acenam as asas em todas  
as despedidas

Entram e saem comboios  
cápsulas de transporte rápido  
de pessoas e bens  
Departamentos animados  
tubos de ensaio mais reservados  
sacos de gente alegre

com galos em falsete  
todos unidos  
por anéis de ferro revestidos  
a pele

Depois são os painéis  
tão ricos de azul e todos os dias  
um barco rabelo  
embala no rio toneladas de vinho  
generoso

e sonhos embriagados  
enquanto uma leiteira segura um filho  
nos braços

que chora a olhar o sol  
todas as canções que o mar compôs